

A Pedagogia do Movimento na Perspectiva do Lazer¹

Soraia Chung Saura

“Ciência sem poética, inteligência pura sem compreensão simbólica das finalidades humanas, conhecimento objetivo sem expressão do sujeito humano, felicidade sem felicidade apropriadora, não é mais do que alienação do homem.”

Gaston Bachelard

No premiado documentário “Bambeia”, de David Reeks e Renata Meirelles, três meninos de 12 a 15 anos na Vila Juruamã, uma comunidade ribeirinha localizada próximo a Tefé no Estado do Amazonas, aparecem confeccionando piões de madeira. O filme retrata o processo da confecção do brinquedo, desde a escolha da madeira na mata, até o objeto-piã em si e o seu jogo.²

São meninos grandes e fortes, andam-olhando procurando árvore fina, matéria do seu brincar. Sabem a que vieram: buscam “uma matéria justa, a matéria que pode realmente sustentar a forma”. (Bachelard, 2003:1)

Revelam nesse caminhar honesto, de pés descalços, sua familiaridade com a floresta. Sabem onde pisam e para onde vão, facão na mão, travessos, bonitos, gaiatos. Um deles, encontrando árvore delgada dissimulada em meio a muitas outras, salpica a faca no tronco roliço e comemora: “Essa aqui é a boa, não tem leite, casca fina”. E arremata emblemático, anunciando o porvir: “Dá um piã bonito, bem amarelinho, ôô madeira boa...”

Voltam assim para o terreiro, com a matéria prima ainda a ser trabalhada. Olho, mão e silêncio. Habilidosos no manejar do facão, esculpem e buscam o arredondado, afinando na ponta. Os meninos não conversam entre si, absortos que estão em suas construções. Ouve-se apenas o trabalho ritmado de suas ferramentas. Aparam arestas

¹ Publicado em Basso, L.; Correa, W. Pedagogia do Movimento do Corpo Humano. V. 1. 1 ed. Varzea Paulista. Ed. Fontoura. 2012. Pag. 121-140.

² Filme disponível para download em www.projetobira.com.

lixando com a língua do pirarucu.³ Da fricção incansável, nasce o brinquedo. Das mãos dos brincantes, a relação com o divino: momento de criação. Acariciam o objeto, conferem sua esfericidade, sua maciez. Martelam e afinam ponteira. Medem no olho, perspicazes, buscam equilíbrio em todas as partes.

Pronto o brinquedo, é o momento de uma seqüência de imagens de tirar o fôlego de desavisados. Com habilidade, um dos meninos enrola rápido a fieira, corpo hereto, já buscando no chão com o olho o ponto exato da mira do lançamento. Ergue os dois braços no ar.

Lança. O corpo se curva frente à força do arrojado. O pião gira nos ares e cai de pé, no ponto preciso onde previu o moleque, certo, danado. Gira equilibrado sobre si mesmo, dominando seu eixo central com mágica harmonia, mostra a força de uma ciência exultante.

A partir daí, gestos de gloriosos lançamentos se repetem entre eles. Colocam-se outros desafios, melhores e maiores: jogam nos ares para acertar o pião em cima de banqueta a beira rio, assim o brinquedo caminha dançando sobre uma tábua estreita. E outros: mal a fieira se despreza do conjunto e o pião chicoteia no chão, o menino estende a mão para dominá-lo nos ares, que venha a girar na palma estendida.

São verdadeiras demonstrações de agilidade e destreza, graça e beleza. Competem os meninos para ver quem faz melhor e mais bonito. Por fim, um dos garotos-guerreiros, em pé, pião girando nas mãos, estende o braço. Alto e grande, gigante, com concentração de olho no giro, faz o motivo deslizar em seu braço. Altivo. O pião passeia rodando sobre o braço estendido, sustentado por um peito estufado. Orgulho e vitória. Domínio do pião, do corpo, da natureza, do giro e do mundo.

Desde o lançamento deste documentário em 2004 até os dias atuais, não me canso de assisti-lo. A cada vez, algo novo se revela: a relação íntima dos meninos com conhecimentos minuciosos sobre madeira, floresta. A destreza do fazer, anterior ao brinquedo em si. As incríveis habilidades motoras demonstradas no ato de lançar, de brincar, de jogar e de desafiar os piões. A seriedade e a concentração do brincar. Assisto e permaneço entregue a um estranho encantamento. Vejo a capacidade dos meninos de produzir maravilhas.

³ O pirarucu, um dos maiores peixes da bacia amazônica, possui língua óssea e áspera. Os ribeirinhos a utilizam para lixar e ralar.

Encontramos os mesmos gestos deste jogo incansável no filme e em todo o canto onde a brincadeira encontre um espaço de acontecimento. Diante do brinquedo, meninos do Brasil e do mundo produzem, incrivelmente e sem aparente contato uns com os outros, as mesmas imagens corporais. As cenas se repetem em escolas, ruas, vielas, num jogo que historicamente, existe desde tempos imemoriais, arremessado e arremessando com a mesma efusividade braços e olhos de meninos atentos. Para definir racionalmente este movimento, podemos dissecá-lo, mas corremos o risco de tolhermos o que possui de inteireza, unidade carnal dada a nós pela percepção selvagem (Merleau-Ponty) e ancestral (Durand). Se abordarmos o movimento como equação racional, poderemos excluir o orgânico do corpo para incrustá-lo na região do puro pensamento. Já nos alertava Heloísa que:

“autores significativos na área da motricidade humana (também denominada de educação física) têm criticado a visão cartesiana de corpo, a qual conduz a um dualismo psicofísico, direcionado a um corpo-máquina, funcionando apenas segundo leis biológicas, desprovido de emoções, sentimentos e desejos.” (Bruhns, 1998:62)

Na dimensão mais sensível do movimento é onde se sustentam as atividades de lazer, porque estabelecem uma relação lúdica com o aprendizado e remetem imediatamente a um imaginário de atividades ligadas ao prazer, à abertura e à experimentação⁴. Os meninos nos mostram um além da motricidade e do rendimento: a experiência (Bondia) de estar entregue ao movimento, ou por ele tomado. Assim, a partir disso, arrisco a pensar o movimento mais como imagem do que como conceito. Olhar para o fenômeno de maneira ampliada, transcendendo limites de disciplinas tradicionais e integrando conhecimentos em uma visão sistêmica, considerando que *“olhares separatistas e reducionistas agravam a incompreensão”*. (Morin, 2006) Observar a posição imagética do movimento quando em sua realização revela estruturas arquetipais profundas da humanidade. Traz elementos da cultura onde a pessoa está inserida, mas traz elementos da própria humanidade que nos assola: são muitos piões diferentes em forma e em matéria percorrendo em muitos diferentes lugares. No entanto todos eles giram sob si mesmos, enigmáticos, e fazem com que muitos meninos de

⁴ “É a nossa consciência que pensa para si um além no qual se fundamentar, um referencial para pensar, um sentido (sempre imaginário) para existir. Se sentido há para a existência, esse sentido é imaginário, ou seja, fruto de um processo simbólico” que, no lazer, assume a feição do bem viver a vida. (Almeida, 2010)

diferentes regiões do mundo repitam o mesmo gesto do lançamento e das possibilidades de jogo.

Neste sentido, encontramos no movimento algo anterior à tradicional dicotomia natureza-cultura, esse movimento que é anterior à cultura⁵, mas próprio do humano e das relações e trajetórias que se estabelecem. Uma pintura grega retrata o movimento corporal de um garoto jogando pião na idade antiga. Sua imagem corporal em movimento é a mesma dos meninos de Bambaia, do interior da floresta amazônica, ou dos meninos da periferia paulistana, atirando piões em latões de zinco. O jogo convida a produção de uma imagem corporal vinculada ao movimento que é realizada pelo homem desde tempos remotos.

Em uma perspectiva da antropologia filosófica, de um lado, nossa subjetividade e seus desejos; de outro lado, a resistência do mundo concreto (Berdyayev, Bourdieu, Durand, Ricoeur, entre outros). De modo que todo movimento apresenta um animus bem demarcado: o rendimento, a técnica, a superação, a materialidade instrumental do corpo. É “imperativo, assertivo, racional, social”. (Umeda, 2011). Mas também uma alma sensível própria da pessoa, indissoluvelmente entrelaçada à manifestação do animus mais racional e objetivo, mas que trazem parâmetros de sonho, de devaneio, de inconsciência, de êxtase e de entusiasmo⁶, de um envolvimento profundo com o movimento que realiza, vitalmente transformador da pessoa, revelador para si, estruturante. Este seria o duplo papel do movimento na vida das pessoas.

A partir destas considerações, gostaria de tematizar as atividades físicas de lazer a partir da antropologia do imaginário, corrente que convida o nosso olhar para esta perspectiva sistêmica e complexa. Durand, inspirado em Merleau-Ponty, considera que “o corpo inteiro colabora na constituição da imagem”, e que há “estreita concomitância entre os gestos do corpo, os centros nervosos e as representações simbólicas”. (Durand, 2002) Nesta perspectiva antropológica, considera-se a linguagem do corpo também como uma linguagem simbólica, qual seja, de geração de sentido para a existência humana, por isso a insistência existencial em realizar determinados movimentos.

⁵ Renata Meirelles, fala proferida em aula, setembro de 2011.

⁶ Freitas apresenta o êxtase e o entusiasmo como constituintes da manifestação humana, cuja etimologia remete ao divino. Êxtase: contemplação do divino. Entusiasmo: trazer o divino para dentro de nós. (Freitas, 2006)



Foto 1: Imagem do documentário “Bambeia”

O movimento do imaginário

“Uma imagem custa tanto trabalho à humanidade quanto uma característica nova à planta”.

Jacques Bousquet.

Assim, tendo em vista que gestos em movimento são repetidos e refeitos incansavelmente nos jogos, no brincar, nas manifestações lúdicas de toda sorte, temos que a imagem corporal exercitada e vivida como um todo – e não em partes ou etapas - é **estruturante** para o desenvolvimento do ser humano em geral e para sua existência em particular. Se não o fosse, não a realizaríamos com tanto empenho, por gerações e gerações de brincantes. Nem o esporte seria tão popular. Talvez até nem jogássemos, nem brincássemos, nem competíssemos e não nos envolveríamos com tanta verdade e empenho nas atividades corporais. Existem incertezas sobre como se dá o comprometimento profundo com as atividades físicas, para a insistente realização dos nossos movimentos... A teoria do imaginário nos oferece algumas luzes acerca desse nebuloso – e assim misterioso - pano de fundo: porque será brincamos, jogamos e nos encantamos? Porque adoramos as aulas de educação física? Ou porque as detestamos?

No mapeamento das imagens corporais manifestas em nossa sociedade, da gramática da linguagem simbólica do corpo, mitólogos e filósofos - dentre os quais citamos Gaston Bachelard e Gilbert Durand - pesquisam o conhecimento do vasto repertório imagético do homem. Dentre as muitas contribuições destes autores no reconhecimento da imagem – também da imaginação, portanto de uma relação mais sensível e integratória com o conhecimento - temos a organização sistemática de imagens que se manifestam recorrentemente no nosso universo mental. Durand (2002) descobre assim que símbolos e esquemas corporais tendem a articular-se em torno de determinados esquemas dinâmicos, constituindo constelações de imagens que convergem em estruturas até os limites físicos de dois grandes regimes de imagem, que regulam a função simbólica do homem tanto em sua dimensão psíquica individual como em sua dimensão social e corporal, denominados de regime diurno e regime noturno, partes consistentes da teoria do imaginário.⁷

A título de exemplificação dessas estruturas, temos que as imagens pertencentes ao regime diurno são ascensionais, de elevação e direcionamento para o alto. Observando crianças⁸ enquanto brincam espontaneamente, vemos meninos “danados”, aventureiros, “levados”, aqueles que “não param quietos na cadeira”, que quando têm a oportunidade de movimentar-se, produzem, a nível de corpo, imagens ascensionais, movimentos desafiadores. Não perdem a oportunidade de subir em árvores, desafiar alturas, soltar pipas, devanear sobre aviões, provocar o fogo, balões e rojões. Demonstram uma paixão por crescer, uma necessidade vital de movimentar-se desafiadoramente, jogar com entusiasmo, brigar por espaço, competição. Apresentam um animus bem apurado, repleto de garra e vontade. Lançam piões nos ares para apará-los provocativamente, girando nas mãos. Acompanham a força do desenrolar da feira. Para estes, nada pior do que a contenção.

Em contraponto, as imagens do regime noturno revelam um movimentar ameno, voltado para o interior de si, imagens mais afeitas ao agrupamento, ao coletivo, à interioridade. Em crianças mais quietas ou tímidas, notaremos o constante exercício de imagens corporais referentes à intimidade, ninho, casas, interiores, detalhes, construção.

⁷Trabalho apresentado no Seminário Lazer e Debate em maio de 2011, “O Imaginário do Lazer Anunciado em Práticas Espontâneas do Corpo Brincante”.

⁸ Pesquisas de campo observacionais acerca do movimento espontâneo infantil desenvolvidas: no interior do Ceará por Gandhi Piorski; em escolas e em comunidades do Brasil por Renata Meirelles e em uma escola de educação infantil por mim.

Exercitam a minúcia, o micro mundo, o diálogo, a integração. Movimentam-se no aconchego, no pequeno, no contido, no contemplativo, no analítico. Mergulham em águas profundas. São meninos silenciosos e atentos, formando enquanto se formam (Gianotti, Ostroyer). Para estes que assim se apresentam, atividades competitivas e desafiadoras não são as mais indicadas.

Em ambos os casos, nota-se estreita relação entre os movimentos que executam e as necessidades prementes da personalidade envolvida. Esta necessidade não é dada por padrões externos ao indivíduo, mas surge do interior de cada pessoa em particular. ou seja, está relacionado a aspectos subjetivos do movimento. Também vale ressaltar que **essas estruturas não são estanques**, mas transitórias: mudam como mudamos todos, buscando equilíbrio, ora mais desafiadores ora mais intimistas. Brincamos e jogamos produzindo imagens que tenham significado e sentido para nós – mesmo que estes sentidos e significados não sejam evidentes – trazem embutidos em si o imaginário de toda uma humanidade que se movimenta há muito tempo. Inexplicavelmente, quando os realizamos, encantamos o outro e nos encantamos.

Isso posto, percebe-se como que, em relação ao movimento e na orientação de sua execução, devemos ser flexíveis, deixando que os corpos subjetivos manifestem sua necessidade – no sentido de que cada um está buscando, em termos de movimento, exatamente aquilo de que tem necessidade – e para isso, nada melhor do que atividades propostas no âmbito do lazer. Porque é na suposta “brincadeira”, na manifestação lúdica, “brincando”⁹ que poderosos padrões imagéticos de desenvolvimento do movimento se revelam.

Independentemente da atividade física e de movimento que um sujeito escolha realizar – e nisso estão inclusos não apenas atividades de educação física e esporte – atendemos a um chamado interno. Vamos conhecer, participar, experimentar – inicialmente sem maiores comprometimentos, aquilo que costumeiramente denomina-se atividade de “lazer”. Entro no jogo, me disponibilizo à brincadeira.¹⁰ Escolho essa e não

⁹ “Participar de uma brincadeira é, para adultos e crianças, ao contrário da idéia de entretenimento e diversão inconsequente e sem maiores danos, algo profundo, transformador, transgressor e formador da natureza humana. Em muitas manifestações das culturas populares, por exemplo, o termo brincadeira sugere o estado de alegria e satisfação que toma conta dos envolvidos, mas configura-se como trabalho, em uma lógica que não dissocia o prazer da obrigação.” (SAURA, 2009)

¹⁰ Sobre o jogo e o movimentar-se ver Zimmermann, 2010, capítulo 8.

aquela. Esse jogo e não outro. Algo me seduz e me predisponho à sua realização. Brincando, aprendo sobre a técnica que está embutida naquele movimentar-se.

A técnica representa então este elemento já dado, uma estrutura pronta na qual me incluo, espontaneamente. A técnica está a serviço do meu corpo e não o contrário. É uma mudança paradigmática importante, pois o ideal do par ciência-tecnologia valorizou sobretudo o homem-máquina em detrimento da pessoa humana e sua plenitude¹¹. Em algum momento, perdeu-se a perspectiva de que toda técnica serve ao homem, e isso tem sido resgatado a partir de novos paradigmas científicos – estes que levam em conta – sem desconsiderar os princípios lógico-aristotélico de dualidade e exclusão e epistemológico-cartesiano de racionalismo - parâmetros sensíveis e subjetivos (Maffesolli), dentre os quais encontram-se a ideia da ludicidade, do lazer em uma perspectiva mais complexa, da atividade imaginativa, do espontâneo, da criação. (Morin, Bordieu).

Espontaneamente, em uma relação prazerosa com o movimento, envolvo-me com a técnica, muito porque preciso daquele padrão – mais ascensional ou mais intimista - que o movimento me dá. Algo como admitir que “não fazemos o movimento, mas ele se faz em nós”, ou seja, nos habita (Zimmermann, 2010). Assim, a brincadeira começa a “ficar séria”. Tão séria que não se ouvem mais risadas, apenas empenho e concentração.

“Visto a camisa” de meu time. Metaforicamente, no sentido de que estou comprometido com aquilo a ponto de “vestir a camisa”. Literalmente, porque ao me trajar, entro no percurso de um jogador efetivo. Há descrições sobre a mudança postural e atitudinal dos jogadores no momento em que vestem o uniforme: ato ritual que celebra o envolvimento e a preparação para o jogo em si.

Na ilusão de uma brincadeira, de uma atividade lúdica, percorreu-se um trajeto, mais ou menos longo: agora sou efetivamente um jogador. Aprendi a técnica. Jogo pião. Visto a camisa. Imagetivamente falando, sou reprodutor: produzo de novo as imagens corporais de outros jogadores anteriores a mim. Sem saber, estou exercitando movimentos antigos. Imagens ancestrais humanas. Subo, ascendo, desço, interiorizo. Jogo pião hoje como se jogava na Grécia socrática.

¹¹ Fato bem retratado no filme “Tempos Modernos” de Charles Chaplin.

Estou no território de um viver corpóreo que associa memória e ancestralidade, que traz à tona estampagens internas de muitas gerações anteriores.¹² Reorganizo corporalmente o conjunto de imagens que me remetem a estas estampagens, corporifico-as, apresento-as em meu corpo. Esta produção é de alto impacto simbólico, não apenas pela carga ancestral imagética que atualiza¹³ mas também porque não são estáticas. São animadas - sensíveis ao movimento - e poéticas. Fazem sentido para nós que assistimos. São visuais. No jogo, os meninos de “Bambeia” nos tiram o fôlego. Em outros jogos, as narrativas corporais e imagéticas nos estarrecem, nos seduzem, nos extasiam. São maiores e melhores no contato com o outro, este desconhecido que me habita. Que me coloca inúmeras e imprevisíveis possibilidades. Jogamos e produzimos em pares, em trios, em quartetos, no coletivo, um “fazer junto” vivencial. Para onde olhamos, vemos e somos vistos materializando imagens corporais, estupefazendo a quem nos assiste e a nós mesmos. Em movimento, aos saltos, correndo, “a cada curva encontramos uma nova constelação de correspondências” (Campbell, 2005:157)

Também por isso no jogo e em outras atividades físicas, todos tem um importante papel de cooperação, coimplicação e copertencimento. A produção destas imagens toma conta dos envolvidos de maneira irreversível. Nunca mais seremos os mesmos, operamos uma revolução interna. É relatado como “libertador”, muito ao contrário da ideia de um corpo disciplinado. Esta produção a nível de grupo transcende os limites do jogo. A atividade é tão organizadora internamente que as relações se estendem para fora do âmbito de campo, tornamo-nos íntimos, tendo em comum muitas vezes apenas o fato de jogarmos juntos. Este jogar junto nos lança para essas intensas auto-descobertas. Sendo reprodutores que representamos, trazemos conteúdos imagéticos que ultrapassam o nosso próprio entendimento, afinal estamos brincando. Mesmo nos esportes contemporâneos esse caráter lúdico (Huizinga, 1993) e imagético encontra-se presente, por mais competitivos e profissionalizados que sejam.

É o nosso corpo então a serviço destas imagens, estas que estão inscritas nele e que despertam, mesmo que, volto a ressaltar, o brincante ou o jogador não tenha consciência ampla deste viver corpóreo. “O imaginário está muito mais perto e muito mais longe do atual: mais perto porque é o diagrama de sua vida em meu corpo, sua polpa ou seu avesso carnal pela primeira vez exposto aos olhares” (Merleau-Ponty,

¹² Ver conceito de “ser-selvagem” de Merleau-Ponty e de “homem tradicional” de Gilbert Durand.

¹³ Sobre a atualização de imagens míticas e outros assuntos do imaginário, ver Ferreira-Santos, 2004

2004:19). Brincar, jogar porque prazeroso, divertido, porque produz uma imagem estética, um sentido. Deste início, executamos um salto qualitativo na relação com o movimento: brincar e jogar reproduzindo – que vai operando em nosso corpo a atualização vivencial de imagens ancestrais e míticas. E assim, chegando ao que Bachelard identificou como adentrar no recôndito território da imagem, onde “é necessário estar presente, presente à imagem, no minuto da imagem”. (Bachelard, 2001:1).

Outro salto qualitativo em relação ao movimento que vale a pena ser ressaltado aqui é o fato de que a presentificação corporal dentro de uma estrutura imagética e mítica permite, para além deste desenvolvimento profundo, a criação. Estar confortavelmente situado dentro de uma estrutura técnica corporal – porque não é possível a criação a partir do nada – permite-me exercitar a capacidade de reproduzir, logo passando a esta outra: a de criar, de gerar, de fazer surgir algo novo, um aventurar-se que, o indivíduo, confortavelmente estabelecido dentro de uma estrutura, consegue realizar. Assim que temos, por exemplo, manobras inovadoras – Garrincha sapateando em campo, ou, para não irmos tão longe, meninos desafiando objetos-piões em inimagináveis estripulias com o brinquedo. Jogo pião como na idade antiga, mas este é o *meu* pião.

O ato de criar é frequentemente associado a uma aproximação com o divino. Porque este ato pertence aos deuses – afinal, a criação não está situada no âmbito racional. Nos aproximam do sagrado com a epifania do autoespanto. “Como fui capaz de fazer isso?” Glória e maravilha. De novo, elementos de constituição intuitiva, pré-racionalizante, avessa às explicações formais, esses da criação, de protagonismo. Dentro da prática da técnica, se esta está alinhada às necessidades subjetivas, o homem cria. Jogadores não são apenas jogadores, são fabulosos, no sentido de que trazem a fábula da saga humana ao corpo. Subitamente, inexplicavelmente, criam. Na consciência e no reconhecimento deste processo, ajoelham-se no gramado e erguem as mãos para o céu, um gesto ambivalente de admiração e pavor diante da criação e seu *mysterium tremendum* – fascínio e terror diante da revelação do sagrado. Estar “presente na imagem, no minuto da imagem” me possibilita essa criação. Brincando, jogando, repetindo, e agora, criando. Êxtase e entusiasmo – afinal, o que queremos mesmo ver ou sentir em um jogo?

O lazer em movimento

“A tarefa consiste, pois, em alargar a nossa razão,
para torná-la capaz de compreender o que em nós e nos outros
precede e excede a razão.”

Maurice Merleau-Ponty

A título de informação sobre as pesquisas realizadas na área de lazer e contextualizando a opção teórico-metodológica, vale ressaltar que se trata de uma temática que inclui várias áreas de conhecimento. Realiza interface com diferentes abordagens teóricas nas áreas de história, sociologia, antropologia, economia, psicologia, arte, turismo, administração... Essa dimensão multifacetada deve ser levada em conta não em seu caráter excludente, qual seja, de um ponto de vista em detrimento de outro, mas em seu caráter complementar, concorrente e multidisciplinar, para que eventualmente se possa dar conta da amplitude do fenômeno.

Um campo de conhecimento dominante na área da atividade física, conhecido como “Estudos do Lazer”, associa o lazer, estritamente e por razões históricas, às questões vivenciadas na cidade. Nos “Estudos do Lazer” este é abordado como um fenômeno urbano, restrito à sociedade industrial, centrado na questão do tempo do trabalho e do não trabalho. Traz um referencial teórico influenciado diretamente pela Sociologia do Lazer que, surgida nos anos 30 e aprofundada nos anos subsequentes, discute predominantemente qualidade e controle do tempo livre. Dentre muitas contribuições decorre daí a crítica a uma visão “funcionalista” do lazer - uma política de contenção do operariado de então a partir do controle de seu tempo livre. (Melo & Alves Junior, 2003). São referências centrais nos “Estudos do Lazer” no Brasil: Bramante (1998), Gomes e Melo (2003), Marcellino (2006; 2002; 1995; 2007), Melo (2006), Melo & Alves Junior (2003), Pinto (1998), Werneck (2003), entre outros. Vale ressaltar que essa dimensão do lazer enquanto fenômeno urbano e ligado às sociedades industriais gera uma importante conquista do lazer como direito social, incorporado à constituição, no Brasil e no mundo.

Um ponto relevante nesta discussão é que para a área de “Estudos do Lazer” o fenômeno é considerado, volto a repetir, apenas em sua dimensão urbana, compatível com a produção de conhecimento que ocorre calcado nas sociedades complexas. Para os

autores desta perspectiva, o fenômeno não existiria nas sociedades tradicionais ou rurais, melhor dizendo, existe apenas e somente se estas sofrerem um processo de aculturação proveniente das sociedades urbanas. Neste contexto, não se considera o seu oposto e complementar: as influências que sofrem as sociedades urbanas sob toda a sorte de fluxo migratório de povos tradicionais e rurais que trazem suas concepções e modos de vida paradigmáticos para a cidade.

Reporto-me às cenas imagéticas dos meninos da remota comunidade de Vila Juruamã, que conta com uma população de apenas 150 pessoas. Localizada distante destes centros urbanos, seus moradores compartilham de uma forma de vida próxima aos ciclos da natureza. Assim me pergunto: estariam os garotos, envolvidos da maneira em que se apresentam para o jogo do pião, vivenciando um momento de lazer?

Novas pesquisas e investigações na área temática do lazer se fazem necessárias para responder a esta e outras perguntas. Mas a leitura calcada na antropologia do imaginário permite, já de antemão, dissolver limites acadêmicos bem demarcados, o lazer como essencialmente urbano, o lazer como essencialmente espaço do não trabalho. Permite, em sua característica de olhar simbólico e antropológico, considerar a diversidade de comunidades existentes no Brasil e no mundo, para além das comunidades urbanas. Considera a diversidade de relações entre os espaços, assim, o lazer como conceito qualitativo, relacionado a um ideal muito mais do que em sua versão mais quantificável de tempo de trabalho e tempo livre.¹⁴ Reposiciona o papel da ludicidade, uma vez que manifestações do lúdico e da diversão, independentemente da época histórica ou meio onde estão inseridas, podem ser consideradas de lazer se este for pensado enquanto fenômeno humano mais abrangente. Assim, esta dimensão inclui as festas, as manifestações das culturas tradicionais, o meio rural, as sociedades tradicionais, as atividades físicas e esportivas e todo o território acessado pelo humano e seu repertório imagético.

Os limites divisórios que apresenta a ciência em suas categorias clássicas como moderno / tradicional; comunidade / sociedade; sagrado / profano; erudito / popular se diluem nessa perspectiva mais simbólica. Sob o prisma de novos paradigmas da ciência,

¹⁴ Ampliando o olhar sobre o Lazer, Heloísa Bruhns (2004) inspirada em De Grazia, discute o lazer como um conceito, não sendo tempo, mas um ideal, uma forma de ser, permeando a vida como um todo.

como experiência sensível do movimento humano (Bachelard, Maffesoli), sob a luz de práticas simbólicas (Durand), o lazer aparece com toda a sua força, **assumido como um fim em si mesmo**, de geração de sentido à existência humana. Porque “a razão analisa fatos, compreende a relação existente entre eles mas é o imaginário o responsável por criar significado”. (Rocha Pitta, 2005)

Vimos como o movimento corporal e o que se faz com ele manifesta um sentido, uma dimensão de existência que estrutura personalidade, aprendizado, características físicas e biopsíquicas. Vimos que o movimento, se não imposto para o indivíduo, mas colocado de acordo com suas necessidades mais íntimas, atua em uma situação de desenvolvimento integral da pessoa humana, não apenas em relação à sua motricidade. Considerar o movimento como simbólico permite compreender os conteúdos da Educação Física e do Esporte de forma menos determinista e menos estruturada, visto que não estão calcados apenas em padrões conscientes e objetivos. As estruturas corporais levam em conta um saber que abraça a incerteza, a fluidez do contingente e o pensamento da aparência, (Maffesoli) mas que nem por isso são menos válidos, como vimos, para o envolvimento, a manutenção e o exercício permanente do movimento.

Nossos alunos de educação física e esportes - estes que escolheram trilhar um trajeto nestas áreas específicas - reportam-se em suas descrições a momentos de uma relação profundamente prazerosa com o movimento. “Sempre gostei das atividades físicas”, “Optei pelo esporte porque sempre me deu muito prazer”, “Pratiquei atividades esportivas como lazer a vida inteira e adoro”, “Quero atuar com algo que tenho amor e sinto prazer”. Mostram que tiveram contato com possibilidades variadas de movimento - o que não significa dizer que tiveram contato com quantidades de modalidade, mas sim com qualidade nas possibilidades a eles apresentadas, aprofundamento em uma determinada atividade, e dentro disso, autodescoberta, possibilidade de reproduzir, de criar. Vimos como a entrega ao movimento, a imagem corporal produzida por ele, o envolvimento íntimo com estruturas sólidas de técnica são condições *sine qua non* de criação. Para atingir o cume desta vivência entre reprodução e criação há permissividade saudável de quem orienta a atividade física, o jogo, a brincadeira. Há respeito pelas histórias de vida individuais, atenção para o encontro da pessoa com o movimento que lhe é necessário, que irá potencializar sua existência, justifica-la. Há um olhar generoso para o aprofundamento. Em outras palavras, abertura para que o

encontro aconteça, exista, para que o orientando possua “*amor fati*, ame o seu próprio destino.” (Ferreira Santos, 2004:53)

Porque nos tornamos leitores? Por termos, em algum momento, tido uma relação prazerosa com a leitura (e não obrigatória, avaliativa, objetiva). Por termos compreendido – e vivido - o poderoso e deflagrador jogo de imagens vivenciais e poéticas contidos em um livro. Assim, poderemos nos tornar escritores – amando a leitura, que nos fará amar a técnica, que nos fará criar. Porque gostamos de cinema? Do mesmo modo, somos absorvidos por imagens poderosas, narrativas míticas ancestrais, vivenciadas e atualizadas em nós, no nosso corpo, por meio da imersão corporal em singelas salas escuras¹⁵.

Assim nos movimentamos – não por obrigatoriedade, mas por necessidade, por buscar um sentido e porque não? porque gostamos muito. Literatura, cinema, atividade física, são alguns exemplos de como vivenciamos e atualizamos no corpo essas imagens ancestrais, poéticas, encantadoras, misteriosas, e por tudo isso, poderosas.

A perfeição buscada pelo homem não é técnica, mas mítica. Porque “a razão e a ciência só ligam os homens às coisas, mas o que liga os homens entre si, ao humilde nível das felicidades e das penas cotidianas da espécie humana, é a representação afetiva, porque *vivida*, que o império das imagens constitui.” (Durand, 2000:104)

Este império de imagens possui também o seu duplo negativo: imagens para o consumo, imagens para a beleza, imagens de modelos corporais, imagens para a saúde... São frequentes os relatos, em nossa área, de prejuízos e muitos excessos por conta da relação redutora, simplista e superficial da temática imagem / corpo.

León Kacoff, organizador e mantenedor da Mostra Internacional de Cinema em São Paulo, hoje em sua 35ª edição, percorreu ao longo destes anos inúmeros países selecionando repertório para seu público fiel. Em uma entrevista na TV, foi indagado: “Você se considera um escravo da imagem?” Ao que prontamente responde: “A imagem me libertou”.

¹⁵ Estes e outros temas estão sendo debatidos no Projeto de Extensão “Cinema e Corpo”, uma parceria do Cínusp Paulo Emílio, da Pró Reitoria de Extensão e do Cesc EEFÉ-USP.

www.cinamacorpo.blogspot.com

Volto a assistir “Bambeia”. O menino ativo, pião girando sobre o braço estendido. Céu azul ao fundo. Glória e conquista. Encantarias e mistérios.



Foto 2: Imagem do documentário “Bambeia”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rogério de. (2010). *O Trágico em Machado de Assis: uma pedagogia da escolha*. In: FERREIRA-SANTOS, Marcos & GOMES, Eunice Simões (org). *Educação e Religiosidade: imaginário da diferença*. João Pessoa, Ed. Universitária UFPB, pp. 185-215.

BACHELARD, Gaston. (1988). *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1998) *A Água e os Sonhos*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (2001) *A Terra e os Devaneios da Vontade*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (2003) *A Terra e os Devaneios do Repouso*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (2008) *A Psicanálise do Fogo*. São Paulo: Martins Fontes.

BERDYAEV, Nikolay (1957). *Autobiografia Espiritual*. Barcelona: Luis Miracle Ed.

BONDÍA, Jorge Larossa. *Notas sobre a experiência e o saber de Experiência*, Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/Abr, Nº 19 p. 20 – 28. 2002.

BRAMANTE, Antonio Carlos. (1998) “*Lazer: Concepções e Significados*”. In: Revista Licere. Belo Horizonte, v. 1, n.1, 1998. p. 09-17.

BRUHNS, Heloísa. (1998). *Relações entre a Educação Física, a Cultura e o Lazer*. In: Revista da Educação Física, UEM 9(1): 61 – 66, 1998.

_____, Heloisa T. & GUTIERREZ, Gustavo L (org.). (2002) “*Enfoques contemporâneos do lúdico: III Ciclo de Debates Lazer e Motricidade*.” Campinas: São Paulo. Autores Associados, Comissão de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física da UNICAMP. pp.03-24.

_____, Heloísa. (2004) “*Explorando o Lazer Contemporâneo: entre a razão e a emoção*.” In: **Revista Movimento**, Porto Alegre, V.10, n.2, p. 93-104, maio/agosto.

CAMPBELL, Joseph. (2005). *As Máscaras de Deus: Mitologia Primitiva*. São Paulo: Palas-Athena.

DURAND, Gilbert. (1998) *A Imaginação Simbólica*. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo.

_____, Gilbert. (2002) *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes.

FERREIRA-SANTOS, Marcos. (2004) *Crepusculário: conferências sobre mitohermenêutica & educação em Euskadi*. São Paulo: Editora Zouk.

FREITAS, Alexander de. (2006) Apolo-Prometeu e Dionísio: dois perfis mitológicos do “Homem das 24 Horas” de Gaston Bachelard. In: Educação e Pesquisa, Janeiro – Abril, v. 32, N001 – Universidade de São Paulo, SP, pp.103-116.

GIANOTTI, Sirlene. (2008) *Dar Forma é Formar-se: processos criativos da arte para a infância*. Dissertação de Mestrado – São Paulo: Faculdade de Educação da USP.

GOMES, Christianne Luce; MELO, Victor A. (2003) *Lazer no Brasil: Trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa*. **Revista Movimento**. Porto Alegre, n.19.

- HUIZINGA, Johan. (1993) *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. (2002a) “*Estudo do Lazer: Uma Introdução*” 3ª Ed. Ampliada. São Paulo: Campinas. Autores Associados, 2002a.
- _____. (2002b) Lazer como fator e indicador de desenvolvimento regional. In: MULLER, Ademir & DACOSTA, Lamartine P. *Lazer e Desenvolvimento Regional*. Santa Cruz do Sul. Edunisc.
- _____. (2007). *Lazer e cultura: algumas aproximações*. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.) *Lazer e Cultura*. São Paulo. Ática.
- _____. (2006) *Lazer e Educação Física*. In: DE MARCO, Ademir (org.). *Educação Física: Cultura e Sociedade*. São Paulo Papyrus.
- _____. (1995a) *Lazer e Educação*. 3ª. São Paulo: Campinas. Papyrus.
- _____. (1995b) *Lazer e Humanização*. 2ª. São Paulo: Campinas. Papyrus.
- MAFFESOLI, Michel. (2001) *O Elogio da Razão Sensível*. São Paulo: Vozes.
- MELO, Victor Andrade de & ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. (2003) *Introdução ao lazer*. Barueri, São Paulo. Manople, 2003.
- _____ (2006) *Animação Cultural: Conceitos e Propostas*. Campinas. Papyrus.
- MEIRELLES, Renata. (2007) *Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil*. São Paulo: Terceiro Nome.
- MEIRELLES, Renata; SAURA, Soraia Chung (Org) (2009). “*Brincar, Um Baú de Possibilidades*”. Ministério da Cultura.
- MERLEAU – PONTY, Maurice. (2004) *O Olho e o Espírito*. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____, Maurice. (2000) *O Visível e o Invisível*. São Paulo: Perspectiva.
- MORIN, Edgar. (2000) *O Método I: A natureza da natureza*. Porto Alegre: Editora Sulina.

_____, Edgar. (2006) *Morin, Saberes Globais e Saberes Locais: o olhar transdisciplinar*. Porto Alegre, Editora Sulina..

OSTROWER, Fayga.(1987) *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes.

RICOEUR, Paul (1992). *Abordagens da Pessoa*. Rio de Janeiro: Revista Filosófica Brasileira, vol. V (1), 11-24. Junho.

ROCHA PITTA, Danielle Perin. (2005) *Iniciação à Teoria do Imaginário de Gilbert Durand*. Rio de Janeiro: Atlântica.

SAURA, Soraia Chung. (2008) *Planeta de Boieiros: culturas populares e educação de sensibilidade no imaginário do bumba-meu-boi*. Tese de Doutorado – FE-USP: São Paulo.

SAURA, Soraia Chung (2009). *O Selo Aqui se Brinca*. IN MEIRELLES, R. SAURA, S. (org) *Brincar, Um Baú de Possibilidades*. São Paulo, Ministério da Cultura.

UMEDA, Guilherme Mirage. (2011) *Educação na Linguagem da Anima: diálogos ontológicos com a música*. Tese de Doutorado – FE – USP. São Paulo.

WERNECK, Christianne. (2000a) “*A constituição do lazer como um campo de estudos científicos no Brasil: implicações do discurso sobre a cientificidade e autonomia deste campo*.” In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 12, 2000, Balneário Camboriú. *Coletânea...* Balneário Camboriú: Roca/Universidade do Vale do Itajaí. p. 77-88.

_____. (2000b) “*Lazer, Trabalho e Educação: relações Históricas, questões contemporâneas*.” Belo Horizonte. Ed. UFMG; CELAR- DEF/UFMG.

_____. *Recreação e Lazer: apontamentos históricos no contexto da Educação Física*. In: WERNECK, Christianne Luce Gomes & ISAYAMA, Helder Ferreira. (2003) “*Lazer, Recreação e Educação Física*.” Belo Horizonte. Autentica, 2003.

ZIMMERMANN, Ana Cristina. (2010) *Ensaio sobre o movimento humano: jogo e expressividade*. Tese de Doutorado. Centro de Ciências da Educação. Universidade federal de Santa Catarina, Florianópolis.